

#### O QUE ERA RUIM FICOU PIOR

*Novamente, a indústria foi o setor que mais sofreu com a crise econômica, frustrando muito as projeções do ano passado, por mais modestas que essas tenham sido. A gravidade do cenário, expressa nas quedas recordes e nos pisos históricos exibidos pelos indicadores, se explica por uma combinação perversa de fatores, mas a sua dimensão inédita derivou do desajuste econômico e, sobretudo, da crise política, que alimentaram a falta de confiança dos empresários e consumidores, levando à forte contração do consumo doméstico e ao colapso dos investimentos. O ano de 2016 deve ser uma continuação de 2015 e, mesmo no mais benevolente dos cenários, não deve evitar a terceira e sem precedente contração seguida do setor. Questões de cunho estrutural, ainda que tenham voltado ao debate com a crise, não devem ter avanço significativo no futuro próximo diante do cenário político ainda conturbado.*

Mais um ano se passou para a indústria nacional e não há sinal de mudança na tendência negativa que iniciou com a crise internacional de 2008. Incapaz de competir com importados no então crescente mercado interno, sob o impacto dos altos custos de produção, sobretudo salariais, a indústria nacional foi o primeiro setor a entrar em desaceleração e seu desempenho piorou muito nos últimos anos. Vale lembrar. Passada a intensa retração de 2009, o setor voltou a crescer com vigor em 2010, estimulado por uma série de medidas governamentais de curto prazo. A partir de 2011, no entanto, o processo de desaceleração ganhou força, se transformou em estagnação (recessão em 2012 e uma recuperação cíclica à base de doses extras de incentivos em 2013) e culminou em uma sequência inédita de dois anos de quedas em 2014 e 2015, sendo essa última a mais severa da história recente. No Estado, vale ressaltar, não é novidade dois anos seguidos de recessão no setor secundário. Ocorreu em 2005 e 2006 por conta de uma forte estiagem, mas foi bem menos intensa e seguida de forte recuperação assim que as condições climáticas voltaram à normalidade.

A situação das indústrias brasileira e gaúcha, de fato, se deteriorou intensamente em 2015, muito além do cenário projetado no final do ano passado. Naquele momento, na esteira de um período recessivo e uma expectativa de ajuste econômico de cunho restritivo, esperava-se, com uma nova recuperação cíclica, a manutenção do ciclo de estagnação, que reporia parcialmente as perdas do ano anterior. A adversidade do quadro foi subestimada até mesmo pelo cenário inferior - que previa recessão com deterioração da confiança - e sua magnitude está exposta no conjunto de estatísticas que coincidem em relação a sua profundidade, disseminação e duração.

Além das taxas recordes, a atividade industrial, a ociosidade e a confiança dos empresários atingiram pisos históricos. Tal combinação desencadeou no setor um processo intenso de demissões, e a menor pressão no mercado de trabalho, juntamente com a inflação elevada, inverteu o comportamento recente dos salários, que deverão registrar a primeira queda em termos reais desde 2006. Vale lembrar que a indústria nacional, nos últimos anos, mesmo com grandes dificuldades de competir no mercado doméstico e com o aumento dos custos salariais, procurou reter seus quadros, sobretudo os mais qualificados, diante da baixa oferta de mão de obra do país, absorvida pelos setores mais dinâmicos como o Comércio, a Construção civil e os Serviços.

O quadro recessivo da indústria no ano é disseminado, mas é mais intenso em segmentos diretamente voltados ao investimento e ao consumo. Sob um cenário de grandes incertezas, falta de confiança de todos os setores da economia e dos consumidores e grande instabilidade política, a produção de bens de capital (máquinas e equipamentos, veículos, carrocerias, ônibus e reboques) e de consumo, sobretudo, duráveis (automóveis e eletrodomésticos) registram as maiores quedas da história. Segmentos industriais menos dependentes de crédito e mais associados à renda, bens de consumo semi e não-duráveis também apresentam taxas negativas recordes.

A piora do quadro, todavia, parece ainda não ter chegado ao fundo do poço e a saída rápida, observada em crises recentes, não deve se repetir. Sem possibilidade de políticas contracíclicas, o cenário para o setor deve continuar em 2016 e, tudo indica, a recessão também: a inflação elevada, que sustentará as altas taxas de juros; a instabilidade política, que manterá as incertezas e as dificuldades de ajuste fiscal e econômico; o maior desemprego; e a perda de renda das famílias, que tenderão a contrair ainda mais o consumo interno, mantendo deprimida a confiança dos empresários e os investimentos. Há ainda a possibilidade real de novos aumentos de impostos e a perda do grau de investimento do país por outras agências de risco.

Outra razão para as projeções negativas para 2016 é a herança estatística de 2015. Mesmo que a produção industrial brasileira parasse de cair e permanecesse no nível de setembro, essa estabilidade produziria uma queda de 3,5% em 2016. No caso da indústria gaúcha, estabilizar a produção no patamar de setembro significa encerrar 2016 com nova retração de 2,5%.

De fato, não há ainda qualquer sinalização de retomada. Portanto, o mais provável é que o cenário econômico e a herança estatística levem as indústrias brasileira e gaúcha a experimentar a sequência inédita de três quedas anuais. Tudo indica que a recuperação, quando chegar, será muito lenta.

A saída para a crise passa antes pelo ajuste fiscal, que está na raiz dos desarranjos econômicos dos últimos anos. A boa notícia é que há capacidade ociosa para uma retomada cíclica, de curto prazo, em caso de uma remota recuperação da confiança. Para horizontes maiores, o desafio do país é conseguir algum avanço na agenda estrutural - que está esquecida por quase uma década - com ênfase no aumento da competitividade, via maior produtividade. Em outras palavras, reformas. Sim, elas mesmas de novo, sempre deixadas de lado: tributária, trabalhista, previdenciária e política. A intensidade da crise as trouxe de volta ao debate nacional. São importantes também a retomada dos investimentos públicos, sobretudo, em infraestrutura, maior qualificação do trabalhador, redução da complexidade da carga tributária e da burocracia, estímulos à inovação e à maior integração do setor com o resto do mundo.

### ***Desajustes econômicos e crise política intensificam cenário que já era negativo***

A nova recessão no setor industrial brasileiro em 2015 se explica por inúmeros fatores restritivos e simultâneos listados a seguir, alguns presentes já há algum tempo. Vale destacar, contudo, que a magnitude sem precedentes na história recente do setor deve-se a surpreendente redução da demanda interna, que, por sua vez, deriva da dimensão extraordinária da crise política e da incapacidade do governo de atacar os profundos desajustes econômicos, sobretudo a questão fiscal. O impasse gerado levou ao colapso da confiança dos empresários, potencializando ainda mais o cenário bastante desafiador que já se mostrava no final do ano passado.

I) A retração da demanda doméstica foi muito mais intensa que a prevista no final do ano passado. Segundo os industriais brasileiros (Sondagem Industrial-CNI), apenas a elevada carga

tributária foi um problema maior que a demanda interna para o setor em 2015, que, para os empresários gaúchos, foi o obstáculo mais importante. Cabe ressaltar que, no ano, o volume de vendas do comércio varejista brasileiro deve registrar a primeira queda em 13 anos. Além disso, os investimentos entraram em colapso: a produção de bens de capital terá, em 2015, a maior contração da história. As magnitudes das reduções do consumo e dos investimentos são as principais razões para a intensidade inédita da crise da indústria em 2015.

II) Interagindo com a recessão econômica, a crise política também foi determinante para a dimensão extraordinária da queda do setor industrial em 2015. A instabilidade política gerada pela forte perda de popularidade e pela possibilidade de *impeachment* da Presidente da República, aliada a rápida deterioração das contas públicas e a incapacidade do governo de promover o ajuste econômico requerido, além dos impactos da operação Lava-Jato, adicionaram, à difícil situação econômica, doses extras de incerteza e pessimismo. Nesse contexto, a perda do grau de investimento do país por uma das grandes agências de classificação de risco soberano e agravou ainda mais o cenário.

III) Os aumentos de custos da energia elétrica, devido ao realinhamento de preços, e das matérias-primas, associado à desvalorização cambial e ao aumento dos combustíveis, foram os terceiro e quarto maiores obstáculos ao desempenho da indústria em 2015, segundo os empresários na Sondagem Industrial (CNI/FIERGS). Além disso, houve um crescimento da carga de tributos, através das recomposições do IPI e do PIS/Confis e das alterações nas desonerações da folha de pagamento e no Reintegra. Tudo isso, além da perda adicional de competitividade, levou a uma maior insatisfação da indústria com as margens de lucro, que, no Rio Grande do Sul, nunca foi tão grande, o que também contribuiu para inibir investimentos.

IV) A desvalorização do Real em 2015 deveria ser um atenuante no quadro de dificuldades do setor, mas no curto prazo representou maiores custos de insumos importados para as empresas. Outros fatores, como aumentos de custos domésticos, quedas nos preços internacionais, menor financiamento e maiores impostos, impediram os ganhos de competitividade advindos desse movimento. Ademais, a grande volatilidade do câmbio foi uma fonte adicional de incerteza, dificultando o planejamento das empresas e a formação de preços. Com a estabilização da taxa, contudo, a perspectiva de médio prazo é de melhoria paulatina das exportações e de algum ganho na competição em relação aos produtos importados no mercado interno. Vale destacar, por fim, que a taxa de câmbio foi o sexto maior problema enfrentado pela indústria brasileira nos três primeiros trimestres do ano e o quarto no Estado (Sondagem Industrial-CNI/FIERGS).

V) O estágio atual do mercado de trabalho, com desemprego em alta e renda em baixa, também foi fator importante a dificultar o consumo doméstico.

VI) Retirando poder de compras das famílias e aumentando os custos das empresas, a inflação ganhou força em 2015, pressionada, sobretudo, pela correção dos preços administrados, mantidos artificialmente represados nos últimos anos. Diante desse quadro, a política monetária foi acionada, adicionando mais um elemento contracionista ao consumo e aos investimentos.

VII) O pessimismo dos empresários, presente desde o início do ano passado, ganhou contornos inéditos, com o sincronismo e a intensidade das crises política e econômica, e levou a confiança de todos os setores econômicos a patamares históricos. Na indústria, o Índice de Confiança do Empresário brasileiro (CNI), abaixo dos 50 pontos (falta de confiança) desde abril de 2014, registrou em outubro de 2015 o menor valor desde o início da pesquisa em 1999: 35,0 pontos. No Rio Grande do Sul, o índice divulgado pela FIERGS atingiu seu recorde negativo no mesmo mês, aos 35,2 pontos.

VIII) Assim como nos anos anteriores, o excesso de estoques foi uma fonte importante de restrição ao desempenho do setor em 2015, evidenciando as imensas dificuldades das empresas

para planejar seu nível de produção diante de tamanha incerteza. O indicador de estoque em relação ao planejado das grandes empresas (Sondagem Industrial CNI/FIERGS) chegou a 55,4 pontos em setembro, o que indica volume expressivo de estoques. No Rio Grande do Sul, o acúmulo foi ainda maior (57,5 pontos). Vale lembrar que diversas empresas reduziram jornadas e trabalho e concederam férias coletivas ao longo do ano por conta do alto nível de estoques.

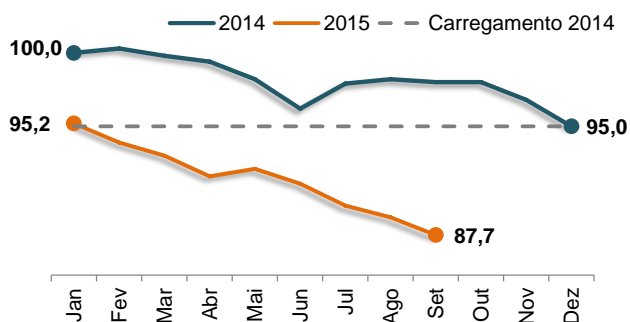
## A indústria brasileira em 2015: indicadores mostram que a crise é profunda e generalizada

Mesmo com diferenças metodológicas e de cobertura, indicadores coincidentes e antecedentes concordam em relação ao aprofundamento, a duração e à disseminação da crise, fundamentando as imensas dificuldades enfrentadas pela indústria em 2015.

A série ajustada sazonalmente de dois dos mais importantes indicadores para aferir o desempenho da indústria brasileira, o faturamento real e a produção, divulgados, respectivamente, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo IBGE, demonstraram que, mesmo com uma base de comparação deprimida pela recessão do ano passado, o setor industrial brasileiro atravessou 2015 operando em queda, inferior, inclusive, ao carregamento estatístico negativo de 2014. Na base de dados dessazonalizados, em 2015, foram oito meses de recuos da produção na margem. Até setembro, último dado disponível, as perdas acumulavam 7,7%. No caso do faturamento real, a forte contração da primeira metade do ano foi amenizada nos últimos dois meses, provavelmente pelo impacto da desvalorização cambial nas vendas em reais ao exterior: -6,3% no período.

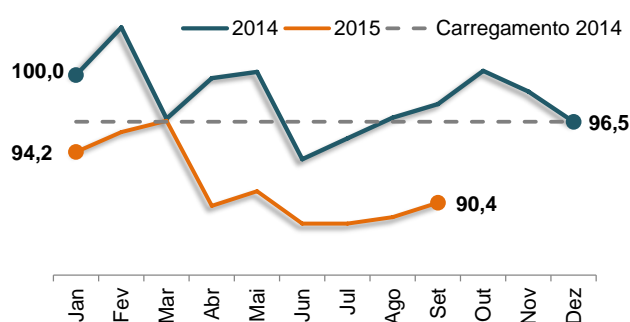
**Gráfico 3.1. Produção industrial – Brasil**

(Índice de base fixa mensal Jan/2014  
= 100 - dessazonalizado)



**Gráfico 3.2. Faturamento real – Brasil**

(Índice de base fixa mensal Jan/2014  
= 100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF Elaboração: FIERGS/UEE.

Fonte: CNI/ Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

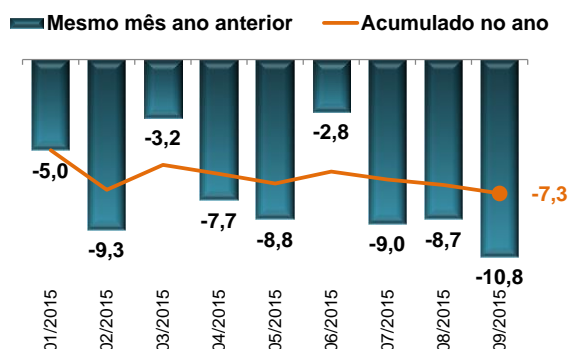
O resultado da herança estatística negativa e da intensidade do declínio mensal se revelou nas quedas anuais históricas. Em relação ao mesmo mês do ano passado, a produção industrial brasileira caiu com força em todos os meses de 2015, e no caso do faturamento real, apenas em março houve crescimento, pelo efeito do carnaval no mês em 2014.

No acumulado de janeiro a setembro, comparativamente ao período equivalente do ano passado, a produção recuou 7,3%, a maior queda em treze anos, e o faturamento real, 6,8%, a contração mais intensa em doze anos. A aproximação entre os dois indicadores em 2015, que em anos anteriores mostraram disparidades, evidencia que a indústria diminuiu o uso de insumos importados e enfrenta grandes dificuldades de se desfazer de estoques acumulados. Mais uma vez, vale lembrar que tais desempenhos negativos incidem sobre uma base deprimida por um ano de recessão. Em setembro de 2014, a produção e o faturamento real acumulavam contração de

2,8% e 2,2% em relação a 2013. Não há registro de duas sequências negativas anuais nesses indicadores, o que levou a produção a níveis de 2006 e o faturamento real, a 2010.

**Gráfico 3.3. Produção industrial – Brasil**

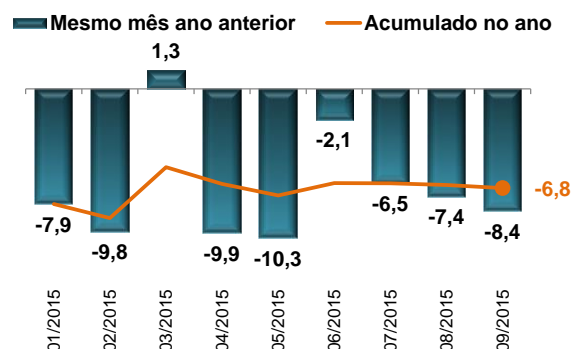
(Var. % em 2015)



Fonte: IBGE/PIM-PF Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 3.4. Faturamento real – Brasil**

(Var. % em 2015)

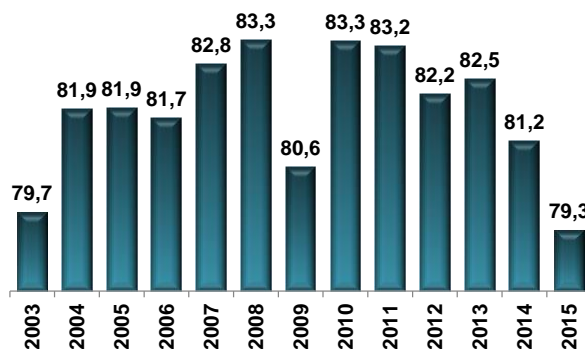


Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

É importante destacar também, do ponto de vista da atividade produtiva, os níveis recordes de ociosidade do setor em 2015, devido às suas implicações negativas sobre novos projetos de investimentos. Com uma média anual de 79,3% de ocupação, 2,4% inferior aos primeiros nove meses de 2014, a indústria brasileira operou em 2015 abaixo da capacidade de 2003 (79,7%), ano de forte ajuste econômico com a eleição do Presidente Lula, e de 2009 (80,6%), período em que enfrentava os impactos da crise financeira internacional.

**Gráfico 3.5. Utilização da capacidade instalada**

(Grau médio no ano até setembro (%))



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

Outro indicador que corrobora a dimensão histórica da crise no setor são as horas trabalhadas na produção, que, na mesma base de comparação, registraram a maior retração já apurada, -9,5%, superior inclusive a de 2009 (-7,3%).

A combinação de longa recessão, alta ociosidade e falta de perspectivas de recuperação desencadeou o maior processo de demissões em 12 anos: o emprego do setor caiu 5,5% em 2015, levando o indicador a retroagir a patamares de 2009. Para se ter uma ideia da dimensão desse número, no pior resultado anterior, em 2009, o emprego na indústria brasileira havia caído 3,5%. A menor pressão no mercado de trabalho e a inflação elevada inverteu o comportamento recente da massa salarial real: de um crescimento médio anual de 3,4% nos oito anos anteriores, o indicador caiu 5,3% no acumulado de janeiro a setembro de 2015 sobre igual período de 2014.

### Gráfico 3.6. Indicadores conjunturais da indústria do Brasil

(Var. % acum. em 2015 até setembro)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

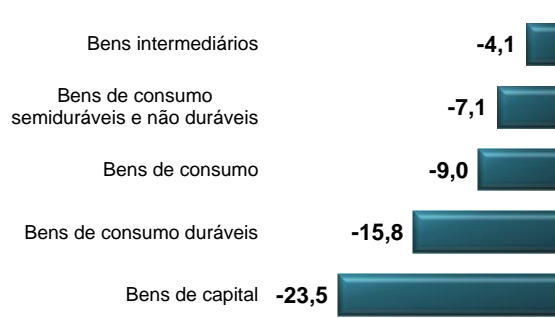
A análise da produção por categorias de uso mostra um quadro de recessão generalizado, ainda mais intenso em segmentos diretamente voltados aos investimentos e ao consumo. Sob um cenário de grandes incertezas e de falta de confiança dos empresários de todos os setores da economia brasileira, a produção de bens de capital recuou 23,5%, a partir da redução do subsegmento voltado para equipamentos de transporte (-29,4%). Já a produção de bens de consumo duráveis encolheu 15,8%. Os maiores impactos vieram das indústrias produtoras de automóveis (-16,0%) e de eletrodomésticos (-21,2%), cuja *performance* está relacionada às restrições ao crédito, ao endividamento e à menor renda real das famílias.

O segmento menos dependente de crédito e mais associado à renda, o de bens de consumo semi e não-duráveis, recuou 7,1% no período, também a pior taxa já registrada.

Por fim, o segmento de bens intermediários (-4,1%), que mostra as operações entre indústrias, especialmente insumos e matéria primas elaboradas, sofre os efeitos da recessão na indústria nacional. Esse segmento apontou uma queda mais moderada, impactado, sobretudo, pela menor produção de peças e acessórios para bens de capital (-3,8%) e para equipamentos de transporte (-16,0%).

### Gráfico 3.7. Produção industrial – Categorias de uso – Brasil

(Var % acum. em 2015 até setembro)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Entre os setores de atividade, o padrão de desempenho da indústria brasileira também revela quedas intensas e disseminadas em 2015. Na produção industrial, para 24 de 26 e, no caso do faturamento real, para 15 de 21 setores houve contração no acumulado dos nove primeiros meses do ano ante o mesmo período do ano passado.



Diferenças metodológicas e de cobertura implicam algumas discrepâncias setoriais, mas os resultados coincidem nas grandes linhas – intensidade e disseminação - e mostram, sobretudo, o cenário extremamente difícil para os setores de Veículos automotores e de Máquinas e equipamentos, que tiveram uma redução na produção de 23,3% e 13,1% e no Faturamento real de 25,9% e 21,2%, respectivamente. Outros impactos importantes vieram dos setores de Derivados de petróleo e biocombustíveis com quedas, na mesma ordem de variáveis, de 6,0% e 11,5%; Metalurgia, -8,3% e -15,0% e Produtos de metal, -10,5% e -13,0%.

Na tabela 3.1 são mostrados os resultados dos principais indicadores de conjuntura para os setores industriais pesquisados em 2015.

**Tabela 3.1. Indicadores conjunturais da indústria do Brasil – Setores**  
(Var. % acum. em 2015 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI	Emprego	Massa salarial real	Rendimento médio real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	-	7,3
Alimentos	2,1	-1,6	1,9	-1,7	-0,3	1,5	-3,4
Bebidas	-12,0	-6,4	-1,4	-2,9	-5,3	-2,4	-5,8
Tabaco	-	-	-	-	-	-	-9,9
Têxteis	-10,2	-9,3	-2,3	-5,5	-3,6	2,1	-12,8
Vestuário e acessórios	-26,7	-17,4	-2,4	-11,1	-9,4	2,0	-10,3
Couros e calçados	-1,7	-7,1	-1,8	-5,2	-7,3	-2,3	-6,0
Produtos de Madeira	9,9	1,2	-0,9	-0,9	-4,2	-3,3	-3,5
Celulose, papel e produtos de papel	8,8	-1,3	-1,1	1,4	-3,8	-5,2	-0,3
Impressão e Reproduções de gravações	-16,6	-4,4	-0,6	-6,2	-9,0	-3,0	-14,5
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-11,2	-12,6	-6,3	-8,9	-0,1	9,7	-6,0
Químicos	18,1	-2,0	-2,0	-0,3	-11,5	-11,3	-4,1
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-6,0
Farmacêuticos	1,9	2,5	1,0	0,9	-8,5	-9,4	-14,3
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm, perf	-	-	-	-	-	-	-3,2
Borracha e de material plástico	-10,5	-15,0	-7,3	-4,5	-3,2	1,4	-7,9
Minerais não metálicos	-0,1	-2,5	-1,6	-1,3	-0,5	0,8	-6,5
Metalurgia	-15,0	-11,4	-8,0	-9,1	-6,5	2,8	-8,3
Produtos de metal	-13,0	-11,8	-3,2	-7,3	-4,5	3,0	-10,5
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-	-28,4
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	-6,8	-13,7	-1,7	-5,4	-4,4	1,1	-9,9
Máquinas e equipamentos	-21,2	-15,1	-4,9	-10,1	-10,1	-0,1	-13,1
Veículos automotores	-25,9	-24,9	-4,5	-11,3	-2,8	9,6	-23,3
Outros equipamentos de transporte	17,2	-1,8	-0,2	-5,2	-24,2	-20,0	-6,3
Móveis	-16,5	-11,3	-1,5	-5,6	-11,4	-6,1	-11,6
Produtos diversos	-30,8	-4,6	-2,7	-10,9	-10,2	0,8	-0,4
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e	-	-	-	-	-	-	-6,9
<b>Indústria de transformação</b>	<b>-6,8</b>	<b>-9,5</b>	<b>-2,4</b>	<b>-5,5</b>	<b>-5,3</b>	<b>0,2</b>	<b>-9,2</b>
<b>Indústria geral</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-7,3</b>

Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil e IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

## **A indústria gaúcha em 2015 recua a patamares do ano 2000 e as expectativas nunca foram tão pessimistas.**

Assim como a brasileira, a indústria gaúcha aprofundou a recessão em 2015. A dimensão desse processo pode ser medida pelos diversos indicadores do setor, que apuraram taxas históricas e em vários casos atingiram seus patamares mínimos.

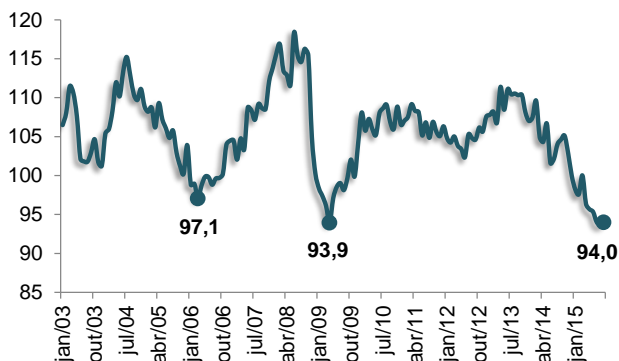
O índice dessazonalizado da produção industrial, iniciado em 2002 pelo IBGE, por exemplo, em apenas dois momentos da série histórica, julho de 2003 (início do governo Lula) e em dezembro de 2008 (crise mundial) registrou um nível menor que o de setembro de 2015, embora tenha ficado muito próximo.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), por sua vez, calculado pela FIERGS para aferir a atividade industrial gaúcha, com base em seis indicadores – faturamento real, compras industriais, utilização da capacidade instalada (UCI), horas trabalhadas na produção, emprego e

massa salarial real - confirmou os patamares históricos alcançados pela produção. Na série dessazonalizada, o índice do mês de agosto de 2015 foi o mais baixo já apurado desde 2003.

**Gráfico 3.8. Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)**

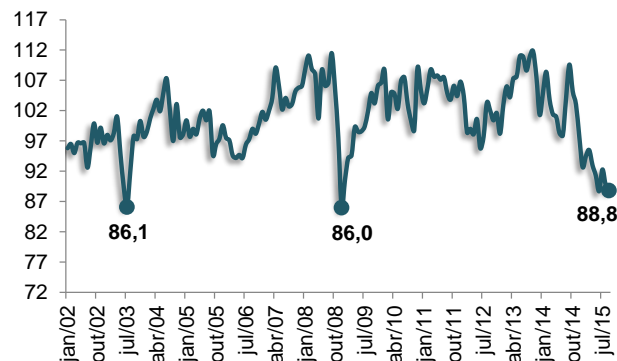
(Índice de base fixa mensal 2006=100 - dessazonalizado)



Fonte: FIERGS/Indicadores industriais do RS.

**Gráfico 3.9. Produção industrial - RS**

(Índice de base fixa mensal 2012=100 - dessazonalizado)

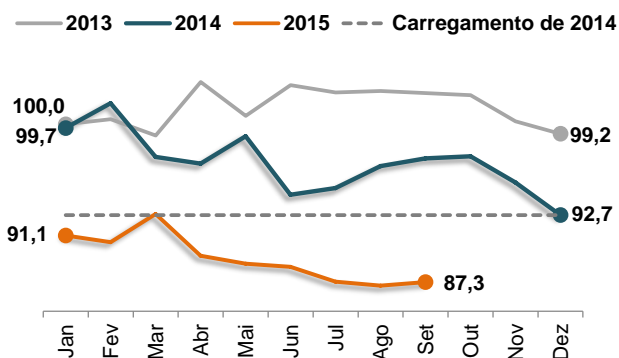


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Especificamente para 2015, os dados mostram que o ano foi dramático para a indústria gaúcha de qualquer ângulo que se analise. Contando com efeitos carregamento negativos do ano passado (-5,1% no caso da produção e -4,4 no IDI/RS), os indicadores do setor passaram o ano em queda, sem esboçar até o momento qualquer mudança na tendência. De janeiro até o mês de setembro de 2015, a produção caiu, marginalmente, 9,1% e o IDI/RS, 5,8%, conforme as séries ajustadas sazonalmente.

**Gráfico 3.10. Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)**

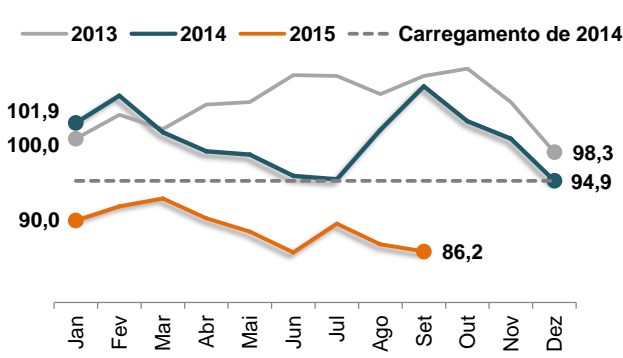
(Índice de base fixa mensal Jan/2013 =100 - dessazonalizado)



Fonte: FIERGS/Indicadores industriais do RS.

**Gráfico 3.11. Produção industrial - RS**

(Índice de base fixa mensal Jan/2013 =100 - dessazonalizado)



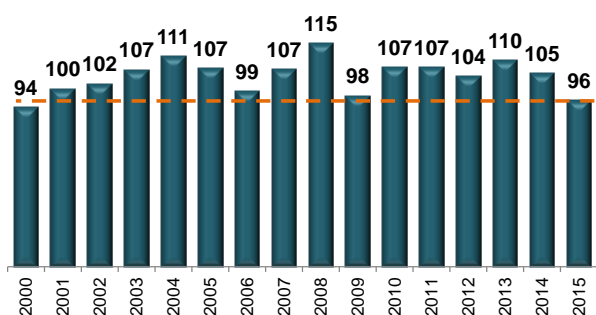
Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Essa forte tendência declinante, somada à expressiva herança estatística negativa de 2014, determinou quedas históricas nas comparações anuais. De janeiro a setembro de 2015, o Índice de Desempenho da Indústria (IDI/RS) mostrou redução de 8,6% em relação ao mesmo período de 2014, o segundo pior resultado da série, superior apenas a 2009. A produção industrial, por sua vez, acumulou de janeiro a setembro de 2015 uma redução de 11,1% em relação aos primeiros nove meses de 2014, o pior desempenho da série. Em bases anuais, esse comportamento leva a produção de 2015 a patamares anteriores a 2002, início da série, e o IDI/RS ao ano de 2000.



### Gráfico 3.12. Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS

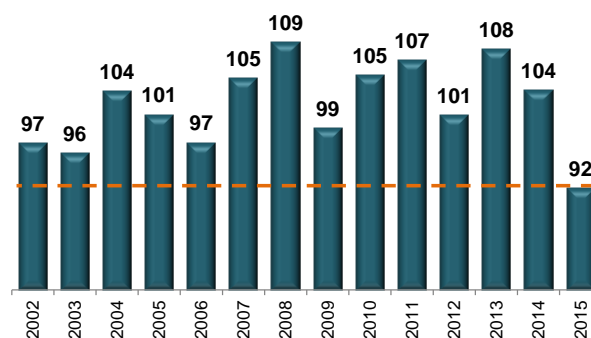
(Índice de base fixa: 2006 =100 – média dos nove primeiros meses do ano)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

### Gráfico 3.13. Produção industrial-RS

(Índice de base fixa: 2012 =100 – média dos nove primeiros meses do ano)



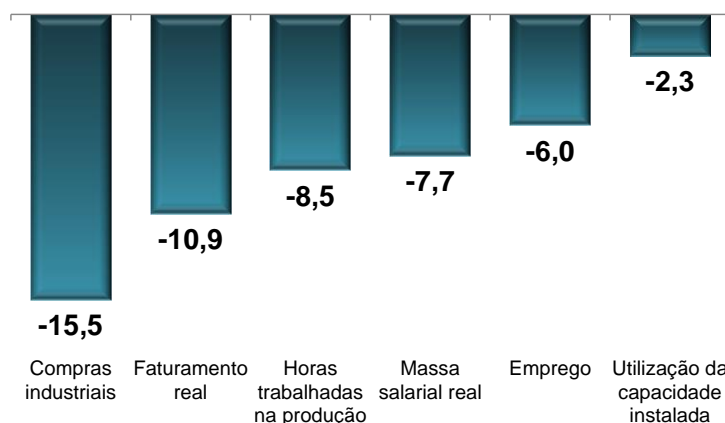
Fonte IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UÉE.

Da mesma forma, outros indicadores associados à produção - faturamento real (-10,9%), compras industriais (-15,5%), horas trabalhadas na produção (-8,5%) e utilização da capacidade instalada (-2,3%) - registraram quedas históricas nos primeiros nove meses do ano.

Assim como no país, o ajuste também ocorre de forma contundente no mercado de trabalho do setor. O emprego recuou 6,0% nos primeiros nove meses de 2015 na comparação com o mesmo período do ano passado. Os resultados negativos chegaram à massa salarial pela primeira vez em seis anos. Depois de uma alta anual média de 3,7% entre 2007 e 2014, o indicador de salários pagos apresenta queda real de 7,7% no acumulado do ano.

### Gráfico 3.14. Indicadores Conjunturais da Indústria do Rio Grande do Sul

(Var % acum. em 2015 até setembro)

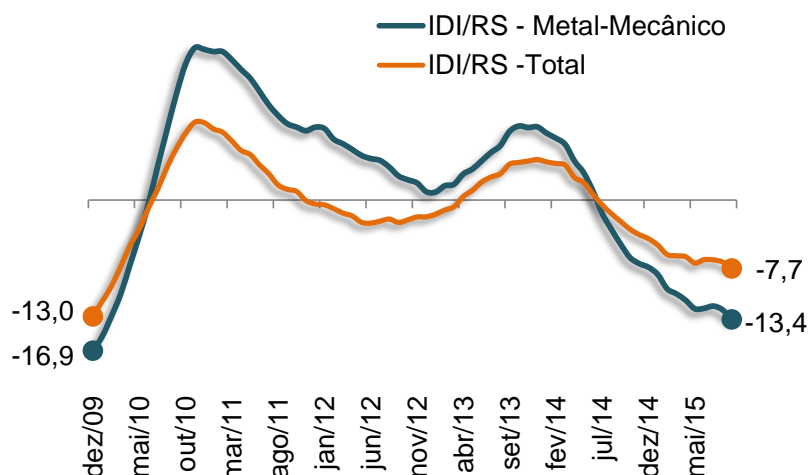


Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Dos 14 setores gaúchos analisados pelo IBGE, 12 registraram queda na produção nos primeiros nove meses do ano comparado ao mesmo período de 2014. Embora setorialmente disseminada, fica evidente, mais uma vez, a importância do complexo metal-mecânico no desempenho global da indústria gaúcha. As quedas expressivas de Veículos automotores (-31,8%) e de Máquinas e equipamentos (-26,0%), de Produtos de metal (-12,2%) e da Metalurgia (-11,2%) puxaram o recuo do indicador de produção. Apenas Celulose e papel (+27,8%) e Outros químicos (+2,7%) apresentaram acréscimos da variável.

Confirmando a abrangência do atual cenário econômico restritivo, no caso do IDI/RS, 13 dos 17 setores pesquisados registraram queda. A atividade do setor de Veículos automotores caiu 22,8%, com quedas expressivas no faturamento real (-28,3%), nas compras industriais (-25,6%) e nas horas trabalhadas na produção (-26,9%). O emprego no setor recuou 15,5% e a massa salarial, 16,4%. Já Máquinas e equipamentos, sobretudo o segmento de Máquinas e implementos agrícolas (-20,2%), também registrou queda em todos indicadores. O IDI do setor caiu 14,9% no período, mostrando reduções significativas no faturamento real (-23,4%), nas compras industriais (-18,7%) e nas horas trabalhadas na produção (-15,7%). O nível de emprego caiu 9,5% e a massa salarial real, 10,4%.

**Gráfico 3.15. Índice de Desempenho Industrial – RS - Total e Metal-mecânico**  
(Var. % acum. em doze meses)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Vale destacar, ainda, o desempenho pífio do segmento industrial de Alimentos, o mais importante do Estado, que mostrou perda na produção de 0,3% e uma estagnação no IDI/RS (+0,2%). No mesmo sentido, o setor de Couros e calçados apresentou quedas de 3,5% e 4,4%, respectivamente, nos mesmos indicadores. Os índices de produção e de atividade mostraram divergência em relação aos Químicos e derivados de petróleo. Ambos são medidos em conjunto pela FIERGS, e houve redução da atividade (-5,5%), pressionada pelo faturamento real (-2,2%) e pelas compras industriais (-13,3%). No caso da produção, estimados separadamente pelo IBGE, os setores de Derivados de petróleo e biocombustíveis ficou estavel e o de Outros produtos químicos cresceu 2,7%.

**Tabela 3.2. Indicadores conjunturais da indústria do RS - setores**

(Var % acum. em 2015 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial	IDI	Produção
Alimentos	1,0	-6,1	3,0	1,1	0,9	0,2	0,1	-0,3
Bebidas	-3,7	6,9	8,1	-1,2	2,0	0,0	0,1	-0,2
Tabaco	25,8	-16,6	-	-9,1	-11,8	-12,7	-8,4	-12,7
Celulose, papel e produtos de papel	-	-	-	-	-	-	-	27,8
Têxteis	1,2	-2,7	-14,8	-5,4	-5,9	-6,0	-5,7	-
Vestuário e acessórios	-9,1	-3,0	-13,6	-4,7	-7,1	-13,4	-6,8	-
Couros e calçados	-5,2	-2,9	-0,9	-5,1	-4,7	-4,9	-4,4	-3,5
Couros	-6,4	-21,0	-11,1	-10,9	-7,1	-4,0	-12,3	-
Calçados	-5,6	-0,9	-0,2	-5,2	-4,8	-5,2	-4,2	-
Produtos de Madeira	-4,5	12,5	-3,6	6,9	-2,6	-1,0	3,1	-
Impressão e Reproduções de gravações	-24,8	-36,4	-10,1	-12,9	-7,0	-7,1	-17,3	-
Químicos, der. de petróleo e biocomb.	-2,2	-13,3	-6,9	0,3	-0,7	-7,9	-5,5	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	0,0
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	2,7
Borracha e de material plástico	1,2	-18,2	-3,3	-2,3	-0,7	-6,5	-3,8	-9,1
Borracha	3,4	-22,2	0,5	0,3	-0,3	-8,0	-2,5	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-11,2
Metalurgia	-11,7	-25,6	3,9	-18,4	-15,2	-5,6	-12,9	-19,4
Produtos de metal	-7,1	-2,7	-5,2	-8,8	-7,7	-9,6	-7,2	-12,2
Equip. inform. prod. eletrônicos e óticos	11,3	-1,5	2,3	-5,0	-5,2	-4,9	1,5	-
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	-66,6	-60,4	-1,1	-8,9	-14,8	1,2	-13,2	-
Máquinas e equipamentos	-23,4	-18,7	-4,8	-15,7	-9,5	-10,9	-15,0	-26,0
Máquinas agrícolas	-35,1	-22,1	-9,8	-24,0	-11,6	-9,7	-20,2	-
Veículos automotores	-28,3	-25,6	-7,2	-26,9	-15,5	-16,4	-22,8	-31,8
Móveis	-11,8	-37,7	0,3	-18,5	-7,8	-14,4	-15,3	-9,9
<b>Indústria total</b>	<b>-10,9</b>	<b>-15,5</b>	<b>-2,3</b>	<b>-8,5</b>	<b>-6,0</b>	<b>-7,7</b>	<b>-8,6</b>	<b>-11,1</b>

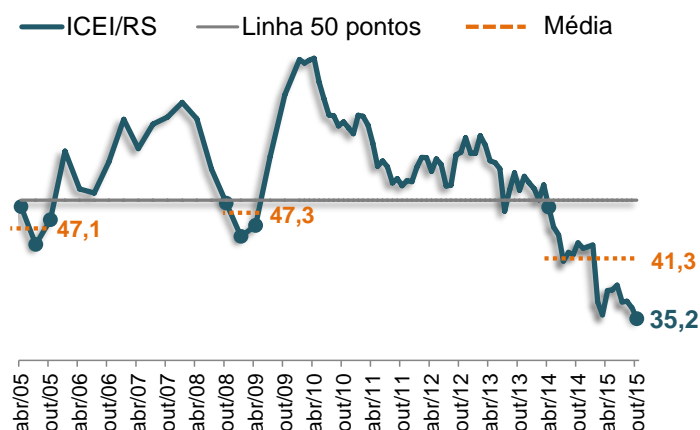
Fonte: IBGE/PIM-PF e FIERGS/Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Na esteira de dois anos seguidos de recessão, a confiança dos industriais gaúchos se deteriorou e o pessimismo alcançou níveis históricos. O colapso da confiança do setor é demonstrado pelo Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (ICEI/RS), que, após passar o ano abaixo da linha dos 50 pontos (falta de confiança), alcançou 35,2 pontos em outubro, o mais baixo da série histórica.

O histórico mostra que, além de mais intenso, o atual ciclo de falta de confiança é o mais longo já registrado. Em 2005, com a recessão provocada pela estiagem no Estado, foram três trimestres seguidos, período que o índice apresentou uma média de 47,1 pontos. A mesma duração e intensidade caracterizou o ciclo de falta de confiança derivado da crise mundial em 2009. Atualmente, o pessimismo já dura 19 meses (mais de seis trimestres), sem qualquer vestígio de mudança na sua trajetória, e a média do índice é bem menor: 41,3 pontos.

Assim, o ICEI/RS corrobora, na avaliação dos industriais, o quadro de crise sem precedentes na história recente e indica a manutenção do cenário para os próximos meses.

**Gráfico 3.16. Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS**  
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

Ainda sobre a avaliação dos empresários gaúchos, captada pela Sondagem Industrial do RS, a demanda interna insuficiente foi o principal problema enfrentado pela indústria em 2015. Com percentual médio de 48,5% das respostas, o problema decorre da contração do consumo das famílias e dos investimentos.

A elevada carga tributária, com 41,6% das respostas, que encabeça quase sempre a lista de problemas pelo seu caráter estrutural, tende a perder o posto em períodos de crises mais agudas, como a atual e em 2008/2009. O excesso de impostos é o fator que mais compromete a competitividade da indústria.

A falta ou o alto custo da energia elétrica, insumo fundamental para a indústria nacional, adicionou ainda mais dificuldades ao cenário extremamente desfavorável com o aumento expressivo nas tarifas de energia elétrica em 2015. O problema foi considerado o terceiro mais importante, eleito por 27,5% das empresas na média dos três primeiros trimestres de 2015.

Em quarto lugar, a taxa de câmbio recebeu 25,5% das assinalações, voltando a ganhar importância relativa em 2015 diante de seu comportamento volátil, ainda que em uma tendência de desvalorização, devido à incerteza que provoca sobre o planejamento das empresas e seu impacto nos preços de insumos importados. Diante do aperto monetário, o entrave das taxas de juros elevadas foi o quinto mais lembrado pelos empresários gaúchos em 2015, com 22,7% das respostas. Por fim, vale destacar a perda de importância relativa do problema de falta de mão de obra qualificada que após aparecer entre os principais problemas nos últimos anos, em 2015, ocupou apenas o 11º lugar com 8,8% das respostas.

### Gráfico 3.17. Principais problemas enfrentados - 2015

(Percentual médio dos três primeiros trimestres)

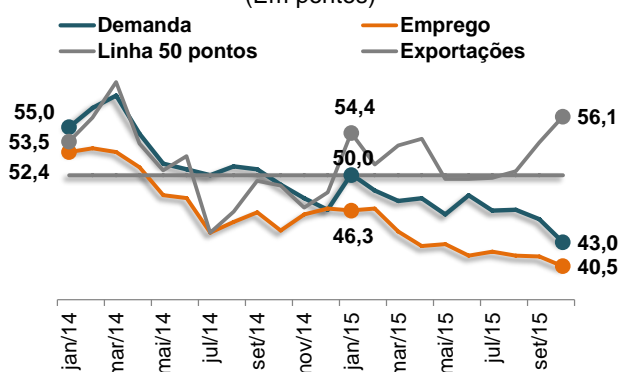


Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

A julgar pelas expectativas dos empresários, não há boas notícias para o futuro da atividade industrial gaúcha. No ano de 2015, marcado pelo pessimismo, os índices atingiram suas mínimas históricas. Em outubro, últimos dados disponíveis, os industriais esperam quedas adicionais na demanda (43,0 pontos) e no emprego (40,5 pontos) para os próximos seis meses, mesmo com a melhora das projeções para as exportações (56,1 pontos). Nesse cenário, a intenção de investir da indústria gaúcha (38,4 pontos) alcançou o patamar mais baixo da série, iniciada em novembro de 2013.

### Gráfico 3.18. Índice de expectativas - próximos seis meses

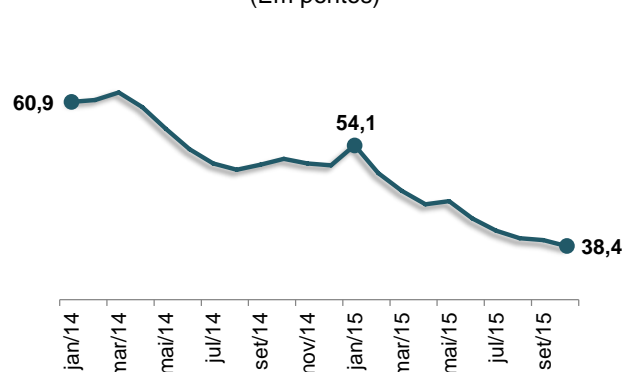
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

### Gráfico 3.19. Índice de intenção de investimentos - próximos seis meses

(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem industrial do RS.

## Perspectivas para 2016 – Indústria deve amargar inéditos três anos de queda

Não há dúvidas: a gravidade do cenário para a atividade industrial em 2015 foi muito além do que se imaginava no final de 2014. Embora a presença simultânea de diversos fatores negativos tenha sido prevista, ficou de fora a intensidade da contração da demanda interna, alimentada pelos graves desarranjos econômicos e pela crise de dimensões inéditas.

Assim, a expectativa de recuperação de parte das perdas de 2014 não se confirmou e a expansão projetada de 1,3% para a produção industrial brasileira, que apenas no cenário inferior mostraria contração (-1,2%), deverá de transformar na maior queda já apurada: -7,7%. Diante das mesmas circunstâncias, o nível de atividade (IDI/RS) e a produção industrial do Estado deverão encerrar o ano exibindo quedas históricas de 8,8% e 11,8%, respectivamente.

O ano de 2016 deve ser uma continuação de 2015. Mesmo a um mês do final do ano, há grande incerteza para o que vem, mas o certo é que o setor continuará sofrendo com a inflação elevada, o que sustentará as altas taxas de juros; a instabilidade política, que manterá as incertezas; e as dificuldades para o ajuste fiscal, deprimindo a confiança e inibindo investimentos. Além disso, o maior desemprego e a perda de renda das famílias tendem a contrair ainda mais o consumo interno. Há ainda a possibilidade real de novos aumentos de impostos e a perda do grau de investimento por outras agências.

De fato, até agora não há qualquer sinal de mudança do cenário. Ainda que haja alguma perspectiva de melhora para o setor exportador, não há números que sustentem perspectiva de retomada. Pelo contrário, os indicadores de conjuntura e de expectativas apontam para a deterioração adicional da indústria no curto prazo, com projeções negativas para a demanda, o emprego e os investimentos.

Será muito difícil repetir as taxas recordes de 2015, mas todos os cenários para o ano têm uma característica em comum: apontam para queda, o que levará o setor a uma sequência inédita de três anos de taxas negativas e a novos pisos históricos. Vale destacar que a herança estatística de 2015 para 2016 é negativa para todos os indicadores. Para a produção brasileira é de 3,1%; para a gaúcha, de 2,5%; e para o nível de atividade (IDI/RS), de 1,6% negativos.

Como habitualmente ocorre, foram traçados três cenários para o ano que vem: o base, com maior probabilidade de ocorrência, o inferior e o superior. O que diferencia cada um é a intensidade das quedas, que diminuem à medida que o cenário avança do inferior para o superior.

No cenário base, a perspectiva é de uma redução da produção industrial brasileira de 3,6%, que pode chegar a -6,0% no cenário inferior, mais deteriorado. No Estado, a projeção para o nível de atividade, medido pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), aponta para contração de 3,5% e a produção física, de 4,2%, com potencial no caso do cenário inferior alcançar, respectivamente, -5,1% e -6,9%.

No cenário superior, diante de um quadro econômico um pouco mais favorável, a produção brasileira deve recuar 2,3% e a gaúcha, 1,7%. Para o nível de atividade (IDI/RS), a redução projetada é de 1,0%.

O mesmo comportamento negativo é apresentado pelos demais indicadores pesquisados conforme apresentado nas tabelas a seguir.

**Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil**

(Var. % acum. no ano)

	2014	2015*	Cenários 2016		
			Inferior	Base	Superior
<b>Produção</b>					
Indústria extrativa	6,2	6,1	-0,7	1,1	2,7
Indústria de transformação	-4,1	-9,5	-6,8	-5,2	-3,5
Indústria total	-3,1	-7,7	-6,0	-3,6	-2,3

Fonte: IBGE/PIM-PF. \*Estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.



**Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS**

(Indicadores e produção industriais – var. % acum. no ano)

	2014	2015*	Cenários 2016		
			Inferior	Base	Superior
Faturamento real	-5,4	-11,6	-6,9	-3,6	-1,5
Compras industriais	-11,0	-14,8	-5,1	-2,5	-1,3
Utilização da capacidade instalada	-2,2	-2,3	-2,8	-1,0	-0,2
Massa salarial real	1,1	-9,0	-10,8	-8,4	-5,9
Emprego	-1,8	-6,5	-6,3	-3,5	-2,0
Horas trabalhadas a produção	-2,6	-8,6	-5,2	-3,6	-2,4
<b>Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)</b>	<b>-4,3</b>	<b>-8,8</b>	<b>-5,1</b>	<b>-3,5</b>	<b>-1,0</b>
<b>Produção industrial</b>	<b>-4,3</b>	<b>-11,8</b>	<b>-6,9</b>	<b>-4,2</b>	<b>-1,7</b>

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS\* Estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.